



Parada desportiva no Palacio de Crystal no Porto. O Snr. Pires Chumbo, vencedor da corrida pedestre de 1500 metros

Phot. J. Azevedo.

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

#### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado accresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

Numero 209

Braga, 30 de Junho de 1917

Anno IV

OFFICINAS

—DE—

*Escultura e Pintura*

—DE—

*Teixeira Fanzeres*

Garante-se perfeição em todos os serviços

*Preços sem competencia*

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

# Livraria e Papelaria CRUZ & COMP.<sup>A</sup> (Editores)

121, Rua Nova de Sousa, 133—BRAGA

Telephone n.º 29      Telegrammas:—**CRUZ LIVRARIA**—BRAGA

Casa fundada em 1888

Editora de muitos livros approvados e adoptados em todo o paiz, para o ensino primario, normal, secundario e superior e de muitos volumes religiosos, litterarios, etc. etc.

Remette-se o catalogo a quem o requisitar.

Contra riscos de guerra terrestres  
e maritimos, gréves, tumultos e roubos.  
seg. a Companhia Luzo-Brazileira  
de Seguros

# SAGRES

Séde — Lisboa: Largo S. Julião  
19-2.º — Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sot-  
to-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povo-  
de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto, 105-1.º — BRAGA

Paramentaria, Sirgaria e  
Artigos militares

—DE—

RIBEIRO DE CASTRO & VILLELA

99, Rua do Souto, 101

MISSAES

BRAGA

BREVIARIOS



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

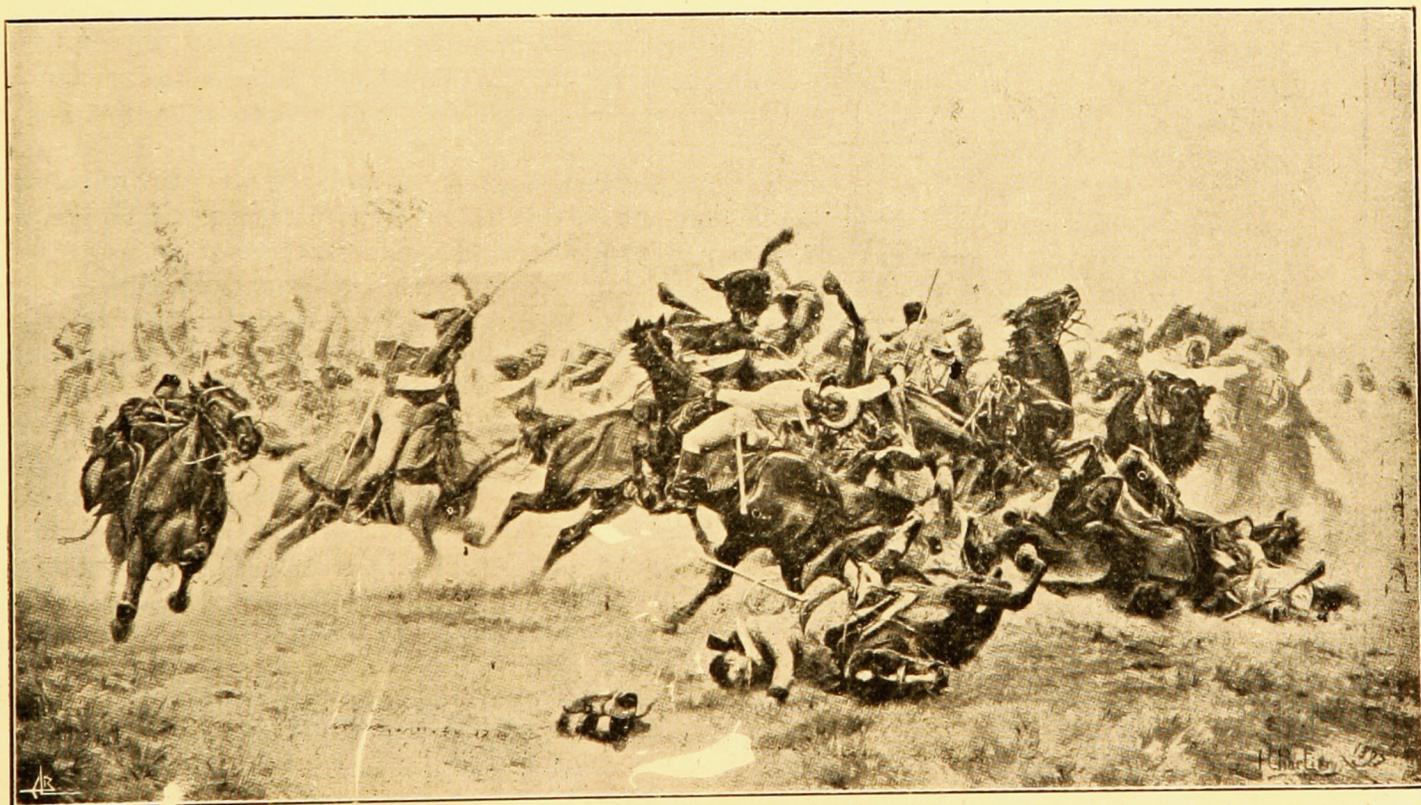
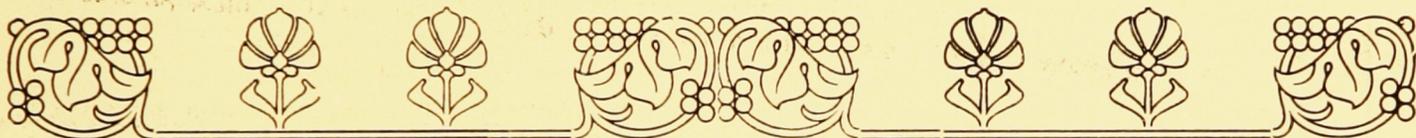
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

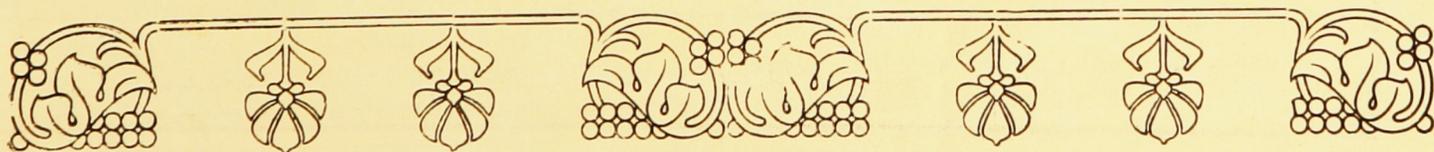
Braga, 30 de Junho de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 209—Anno IV



A carga da cavallaria portugueza na batalha de Wagram  
em 6 de Julho de 1809



# CHRONICA DA SEMANA

Resaios pagãos



IA de S. João. Bem se esfalfou o sr. abbade por demonstrar ao povo as virtudes do precursor de Jesus, e ensinar como um bom christão o devia festejar: imitando o na sanctidade, na acceitação resignada dos jejuns e penitencias...

Tragado o jantar, ei'los os fieis, tangendo a banza, arrancando das gorjas mordidas de poeira e de seccura uns tonilhos bravios ou a cantaróla das quadras, volteadas e revolteadas ao rythmo das danças, levantando em redor uma poeira asphixiante que mais áspero torna o ásko das péllles encardidas e suádas no saracoteio repenicado dos quadris e na gesticulação alta dos braços. Ei'los, a outros, encafuâdo-se nas táskas a queimar-se de fumo e a emborrachar-se n'uma berráta enrouquecida, de perdidos, que só o somno vem á sombra das arvores, alta noite interrompêr quando ribombam os ultimos morteiros...

E o *meu rico S. João* assim se passa, n'este afogueado tumulto pagão das romarias, com a missa pela manhã, e a bebedeira à tarde, e os fôgos de Vianna na véspera.

Bem se esfalfou o sr. abbade a prégar as virtudes do Santo Precursor! Pode isto agradar a um certo catholicismo de museu que basta aos esthétas decadentes, alheios a toda a intuição mystica da agiologia christã, maravilhosa e commovedora!

Para esses, a bestialidade dos instinctos desenvoltos offerece se, como a um estomago cansado de jejuns um caldo de lavradores. Querem a hyperesthesia dos sentidos, amam a alacridade doida dos arraiaes, sob a chuva do sol que se transforma em cáldico licor nas fibras dos camponios, regando-lhes a carne desde a nuca á ponta dos pés, e ao rubro vapor dos desejos do sangue, cerram lentos, gozosos, as palpebras, á volupia da luz que morde a terra...

Mas que é tudo isto, senão a materia libação profanissima das vidas? a pértida contaminação das almas? a fusão, o desapparecimento do pequenino vasquejo da chamma piedosa dos lampadarios, na labaréda serpejante, estralejante e calcinadora do inferno dos corpos insedentos?...

O S. João! Não é, não é a sua festa uma memoração sentida. É o pão quente com manteiga á uma da noite allí p'rás Fontainhas, o verdasco com frigideiras em Braga, a rôsca fresca nas aldeias, com os primeiros bagos carnúdos das cerejas...

E ao lembral'õ, eu sinto muito intensa e dolorosamente a falta de uma christianisação dóce, profunda e larga, operada com paciencia, com fé, por um clero que eu sonho desapegado do barro da terra que calcamos, cujas figuras tenham alguma coisa de martyrio reivindicador.

Ha infiltrações pagãs a destruir na alma do povo. Invoca-se a tradição? Mas a tradição do mal, a tradição errada não tem direitos! É preciso corrigil'a.

—Este é do bom tempo! estou a ouvir dizêr-m'õ os scepticos madraços. Isto não tem remedio. O povo ha de sêr assim eternamente...

Duvido. Recuso-me a acreditar'õ. O povo nem sempre foi assim. O relaxamento dos seus costumes correspondeu sempre a uma falta de cuidado no seu tratamento moral.

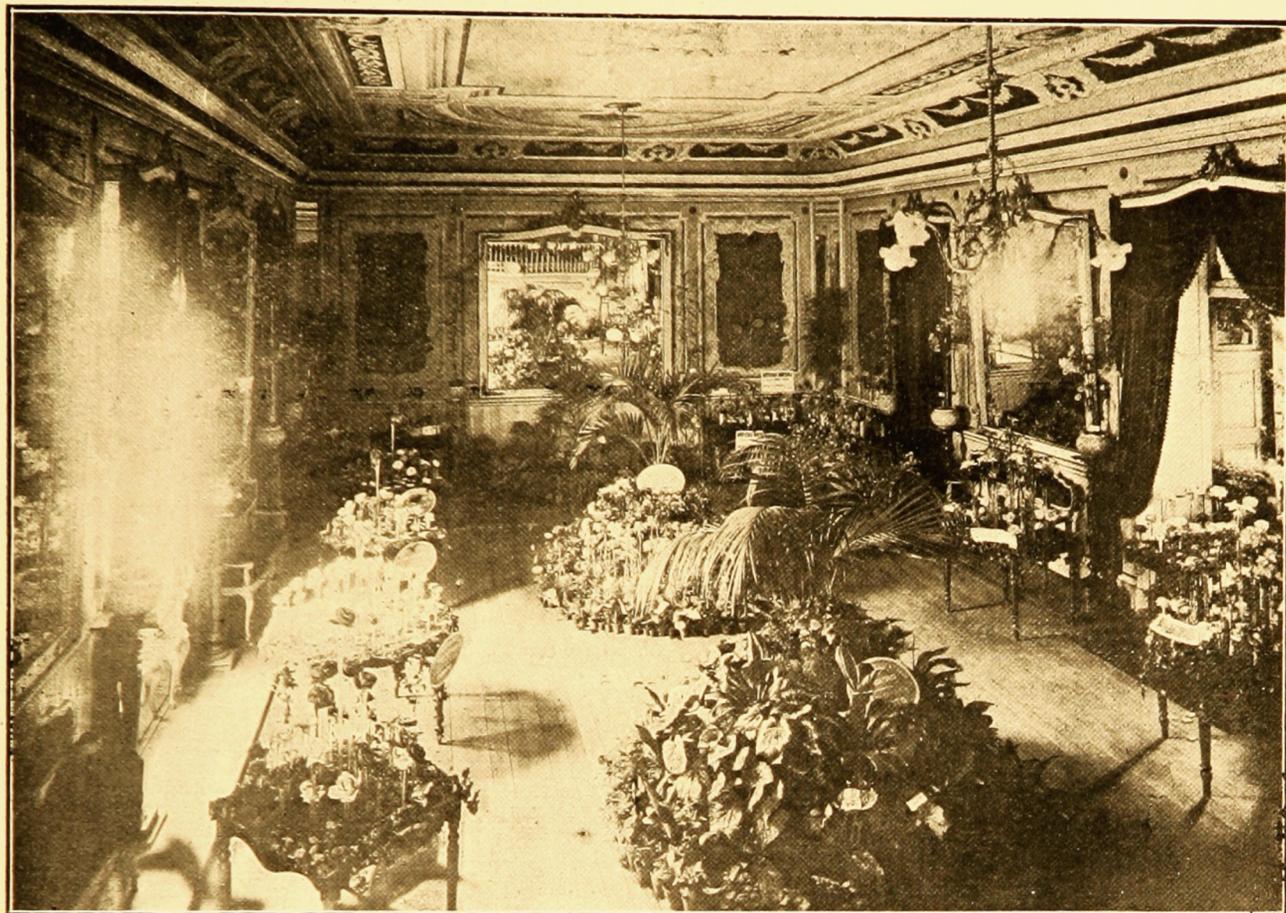
Quando o pobre do Fialho, aterrado, bradava que o incendio das cidades se espalhava já pelas aldeias, tinha razão, tinha muita razão!

A candura que Julio Diniz via, através da influencia da sua leitura dos auctores ingleses, na população campeзина, é uma fabula. O pessimismo camilliano em face das coisas da vida rural, é que é verdadeiro.

Deixem-na adulterar por completo e quando os casos morbidos do realismo apparecêrem desaforados debaixo das carvalheiras—os senhores hão-de vêr! os senhores hão-de vêr!...

F. V.

# Exposição de rosas no Atheneu Commercial de Braga



Um trecho da Exposição de rosas no salão de Festas do Atheneu Commercial

“Enquanto as cidades caem ou mudam de nome, enquanto desaparecem os imperios e se dispersam os povos sobre a face da terra, as pacificas gerações dos jacinthos, das rosas e dos malmequeres, na Illyria, nas Gallias, entre as ruinas de Carthago e de Numancia, renovam-se tranquillamente como nos dias do esplendor e das batalhas.”

Iamos rememorando estas palavras de Quinet no prefacio ás *Ideas sobre a philosophia da historia* de Herder, quando entramos nos salões do Atheneu Commercial, a visitar a soberba exposição de rosas.

E alli dentro esquecemos as philosophias do prussiano, vulgarizadas pelo francez, esquecemos as destruições de cidades, os baques dos imperios, as hecatombes de povos que tanto deliciavam a Tacito quando rogava aos deuses que as nações nutrissem odio eterno umas contra as outras para lhe assegurarem aquellas delicias—esquecemos tudo para nos deliciarmos com aquella eterna belleza natural das flôres, realçada pela arte de quem amorosamente as cultivou e dispoz, e santificada pelo intuito caridoso que alli reunia os seus admiradores.

Festas assim fazem bem.

Nada alli faltou para a tornar inesquecivel. Muitas e formosissimas flôres, rosas e cravos, lyrios e dalias, por entre canteiros de verdura, begonias, avenca e aspargos; a primavera humana, circulando animada por entre aquella jardim.

n'uma compita de frescura, colorido e perfume; lá de cima desciam as torrentes de harmonias do quintetto Torta, como que commovendo na mesma vibração as plantas e os corações; e por sobre tudo isto a recordação da bella divisa posta á entrada para proclamar o nobre aspecto social da festa:

«A Caridade é mãe sublime da Justiça.»

Mas... aproveitemos as escassas paginas que uma revista graphica pode reservar ás descrições para darmos uma pallida ideia do que foi a Exposição de Rosas.

O conjuncto da exposição era surpreendentemente bello e do mais enternecedor effeito. As rosas exuberantes de belleza, muito frescas e viçosas, eram por excellencia as rainhas que presidiam ao curioso certamen.

Lindos macissos de plantas, de estufa e ar livre, transformaram completamente o lindo salão de festas do Atheneu n'um jardim encantador.

Nas mezas e em balcões artisticamente desenhados ostentavam-se n'uma grande abundancia as mais lindas rosas que temos visto e bem assim os cravos, lyrios e outras flores todas formosissimas.

Os amadores d'esta cidade fizeram se representar condignamente.

Madame Freire d'Andrade expõe uma linda colleção de ervilhas de cheiro, a flôr predilecta das filhas de Anjou.

Que segredos encantadores encerra o coração da mulher para nos surpreender com tanta graça e belleza?

O snr. Ernesto Fernandes o maior e mais apaixonado amator da floricultura n'esta cidade, expõe rosas formosissimas em grande quantidade, e lindos crávos n'uma disposição muito artistica.

O Dr. Antonio Pereira de Magalhães e sua Exc.<sup>ma</sup> Esposa D. Catarina de Magalhães apresentaram na exposição interessantes lyrios japonicos, n'uma policromia graciosa, e bonitos exemplares de rósas cortadas, entre estas uma novidade a que gentilmente chamaram «Atheneu Commercial de Braga», e tudo tão bem disposto e com tal arte que deixaram maravilhados os visitantes.

O snr. Bernardo Sequeira concorre com lindas rosas e outras flôres formosissimas e para provar o quanto aprecia tão louvavel iniciativa enviou á Commissão uma linda corbeille de flôres naturaes em que não é difficil adivinhar os ternos cuidados d'uma mulher que ás flôres dá todo o culto e bondade.

O Padre Antonio José Vieira, de Aveleda expõe uma colossal colleção de begonias e avencas as mais formosas que encontramos, mostrando d'este modo quanto vale um trabalho assiduo e cuidadoso. E' positivamente a mais completa colleção de begonias que temos encontrado.

N'uma meza destacavam-se lindas rosas e mais flôres do amator de Real, Ex.<sup>ma</sup> Sr. José Barbosa.

Os Snrs: Alfredo Moreira da Silva & Filhos, foram quem cooperou na exposição com maior abundancia de rosas e plantas, devendo mesmo comprehender-se que sem o seu concurso a exposição não seria levada a efeito com tanto brilho.

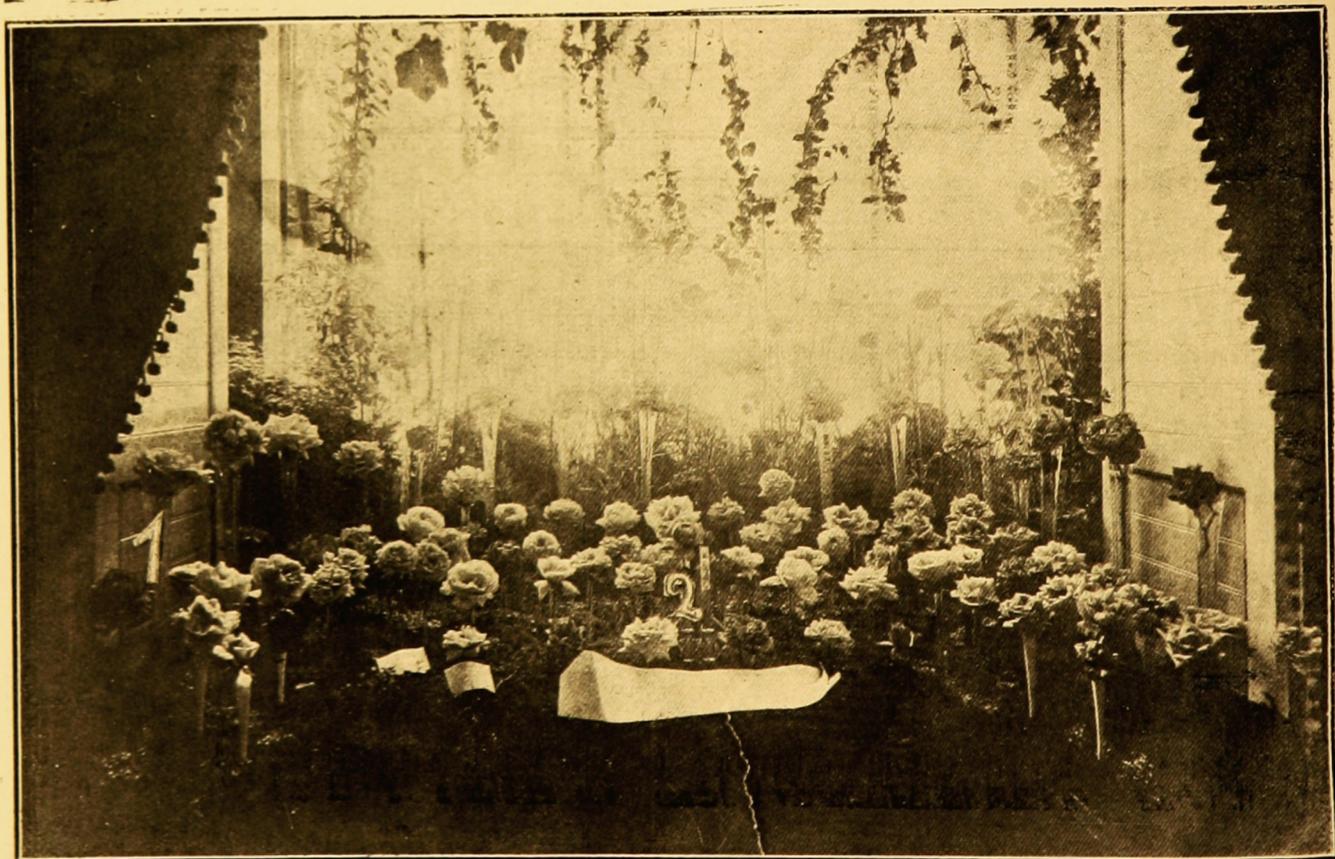
A Companhia Horticola concorreu á exposição com mais de 500 exemplares de formosissimas rosas e uma linda colleção de cravos, deixando nos a impressão de que não é possivel sonhar-se com maiores maravilhas.

Por extrema gentileza do snr. José Pedro da Costa, tambem se fez representar o nosso Horto Municipal com uma linda colleção de craveiros e avencas.

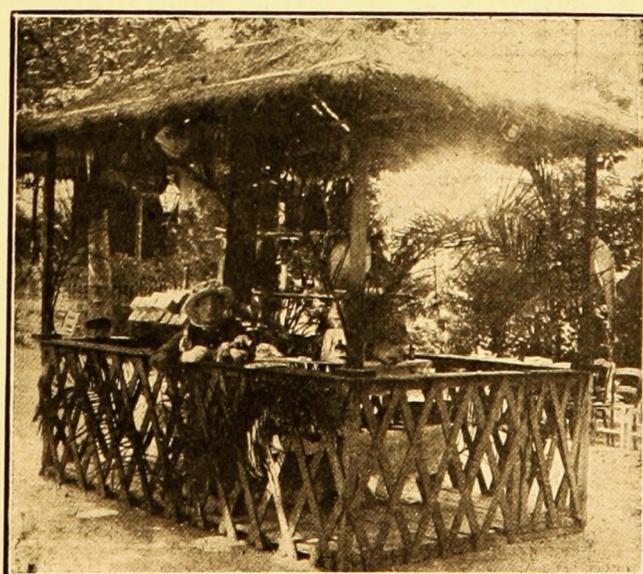
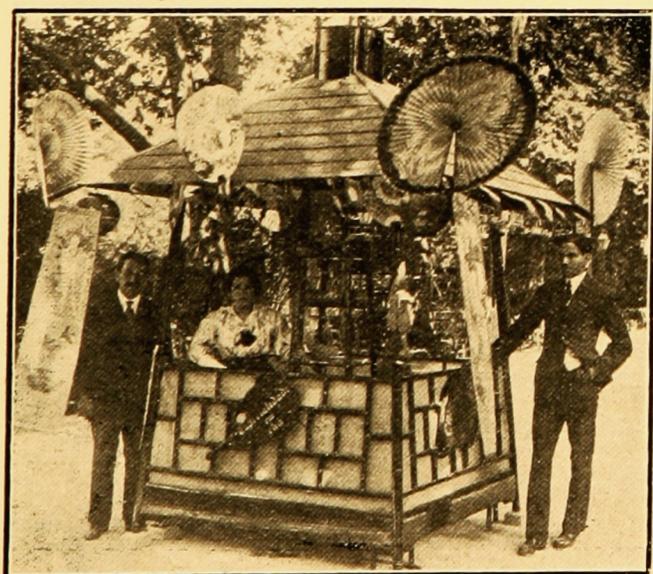
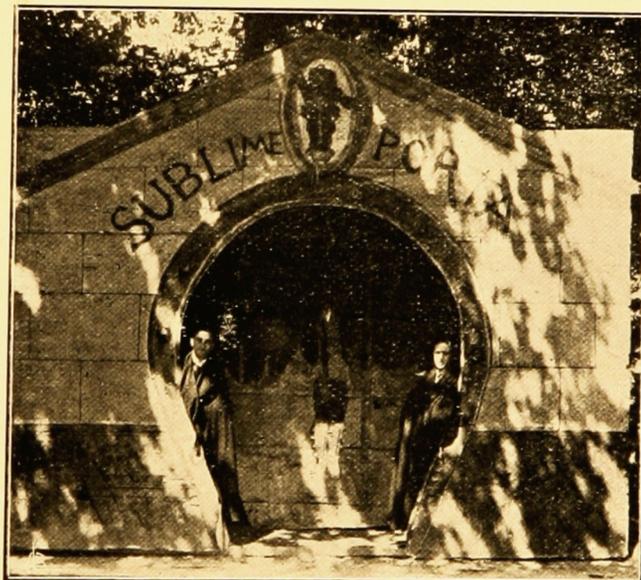
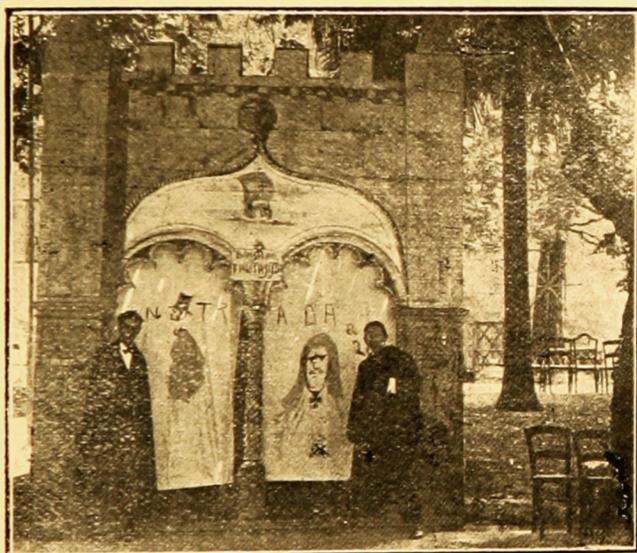
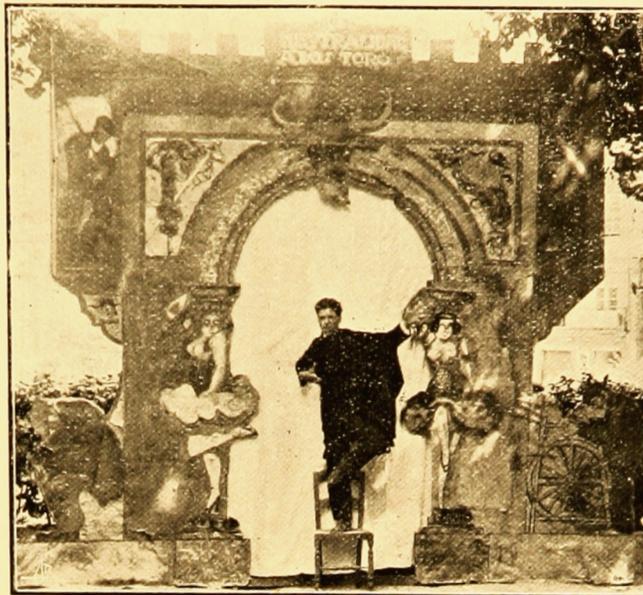
A exposição de rosas no Atheneu Commercial, fica memoravel e os seus organisadores devem sentir-se orgulhosos de tão nobre iniciativa.

Durante o certamen uma Commissão de Senhoras fez a venda de flores naturaes gentilmente oferecidas pelos snrs. Moreira da Silva & Filhos e Companhia Horticola, revertendo o producto para a Assistencia ás Familias Pobres dos Soldados Mobilizados, iniciativa da muito illustre Senhora Viscondessa de Paço de Nespereira.

Resta-nos dizer que era do mais fino gosto a ornamentação interior do bello edifficio do Atheneu com plantas formosissimas gentilmente cedidas pela Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Anna Azevedo.



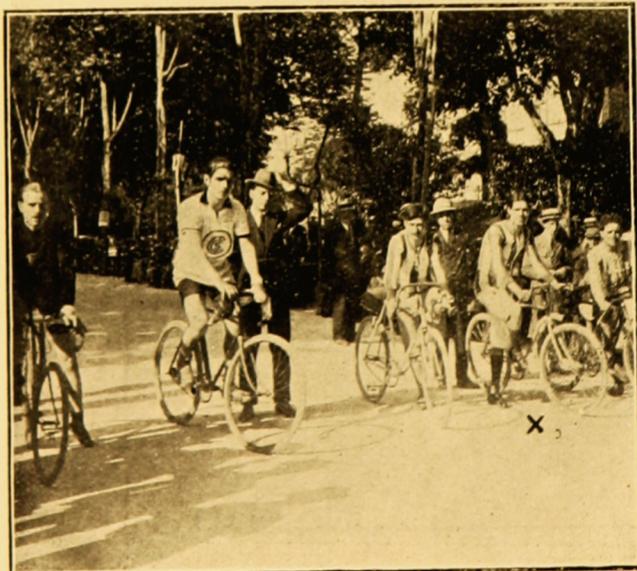
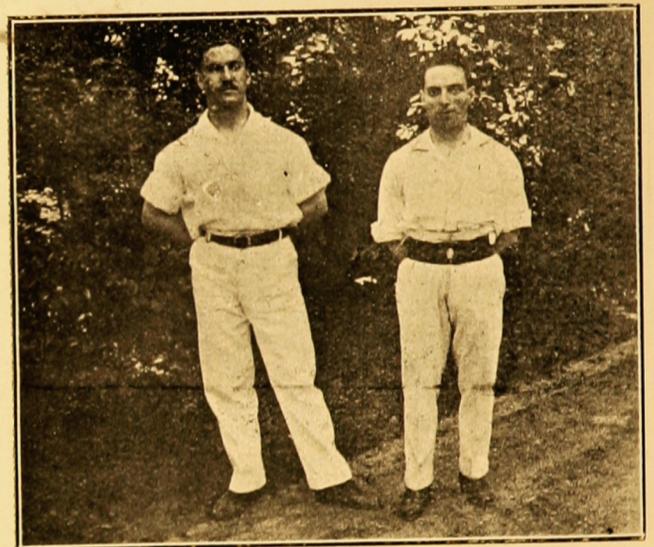
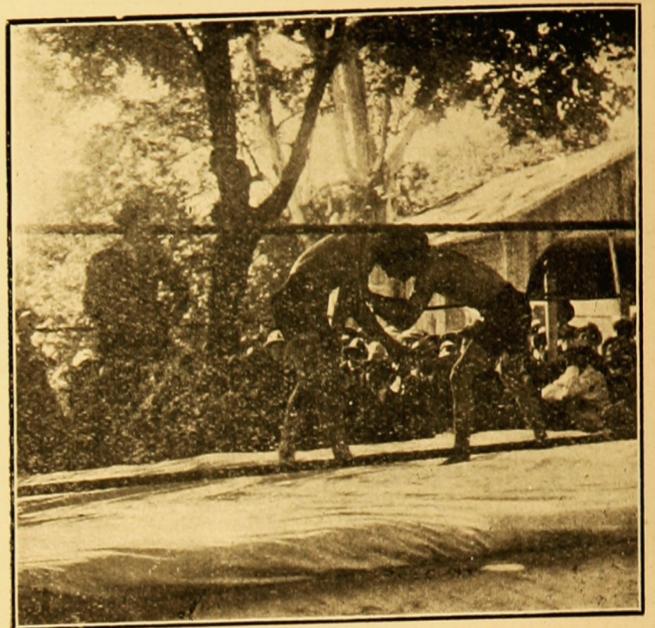
Aspecto da Exposição de rosas e cravos do distincto amator Ernesto José Fernandes  
1—Louise Catherine de Breslau, una das mais distintas oblenções do grande roseirista Pernet Ducher  
2—Aborto unicolor—vermelho geraneo—em fórma de coupe, pétala redonda e cernosa. (Clichés da Phot. Belleza)



*A Feira da Lioa no Palacio de Crystal do Porto*

1—A barraca de critica á Allemanha. 2 - A barraca de critica á neutralidade hespanhola. 3 A exposiçõ phantastica. 4—A barraca de critica á Turquia. 5—Barraca bazar da casa-china do Porto. 6—Barraca bazar.

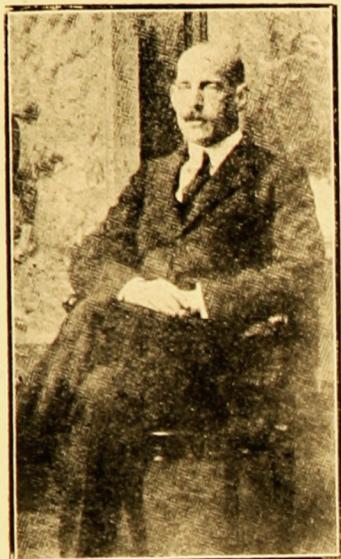
(Phot. J. Azevedo).



*A festa desportiva no Palacio de Crystal*

1—Grupo de concorrentes ao peonato de legua, sendo vencedor o n.º 12 Sr. Antonio Augusto Ribeiro.  
 2—Uma phase da lueta grego-romana. 3—Os concorrentes á corrida de canoas. O vencedor X Sr. Simões Figueiredo.  
 4—Snrs. Franklim Carvalheira e Silva Gay, vencedores das demonstrações de pezos. 5— Os concorrentes  
 ao campeonato de legua. O vencedor X Sni. Balthazar. 6 -Um aspecto da assistencia. (Phot. J. d'Azevedo).

O rei da

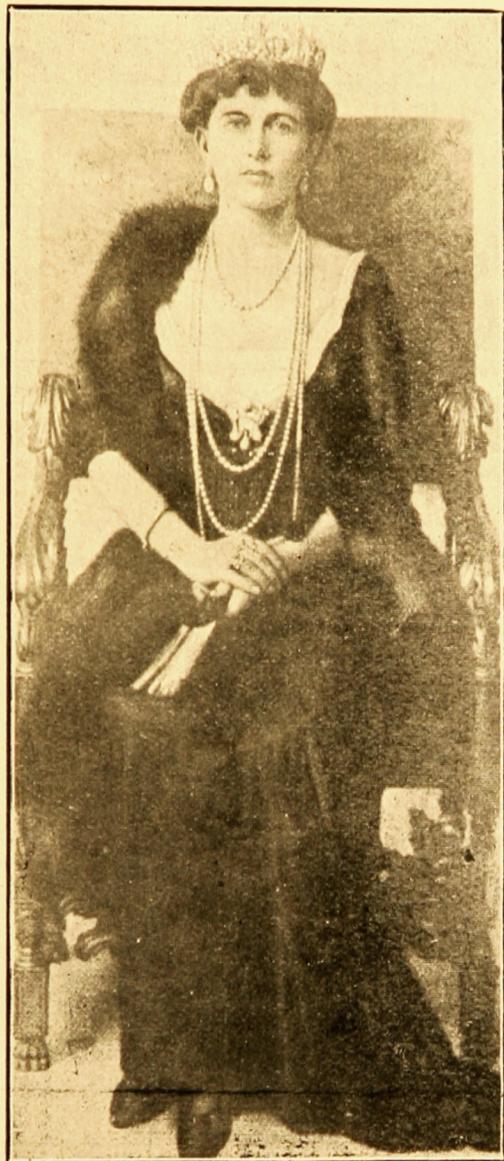


O ex-rei Constantino

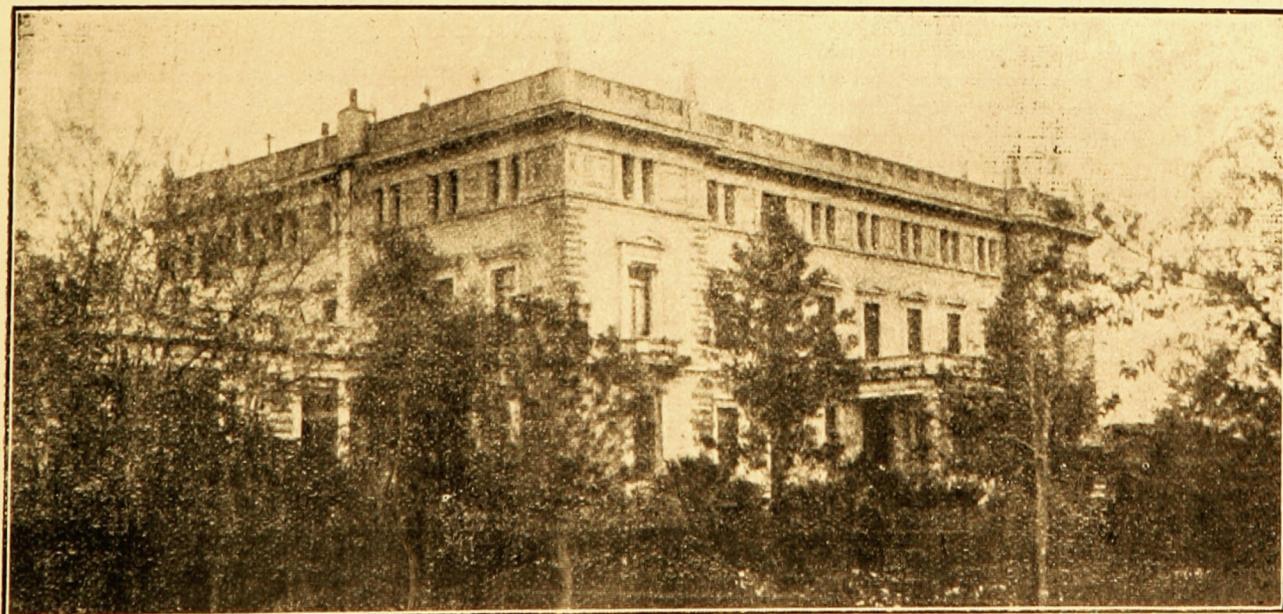
Grecia abdica



O novo rei Alexandre



A rainha Zita da Grecia, esposa  
do ex rei e irmã  
de Guilherme II, da Alemanha.



ATHENAS - O Palacio Real

# PALESTRAS DE ARTE CHRISZÁ

## XXIII—Critica. (Invenção artistica)

**E**SCOLHIDO o assumpto, vae o artista pensar na composição do quadro. E' esta a sua maior tortura mas por outro lado é onde apparece melhor a potencia do genio artistico. Não se trata sómente de achar um modo de representar o assumpto, mas sim de o compor de uma maneira nova e original.

Difficuldade enorme na arte religiosa onde por tantos seculos os maiores genios feem tratado de mil modos a mesma materia.

Ninguém melhor que um artista no-la pode expor. Ouçamos pois o esculptor Dupré, que, nos seus *Ricordi autobiografici*, tão delicada e singelamente narra a historia da invenção do seu maravilhoso grupo da Pietà. Falla o esculptor: «Em 1862 o marquês Bichi-Ruspoli de Siena encommendou-me um monumento que havia de ornar a capella mortuaria da familia. Deixou-me liberdade completa da escolha, e eu escolhi a Pietà, assumpto largamente tratado por muitos artistas em todas as epochas, por se prestar a exprimir a mais ineffavel dôr ainda considerada pelo seu lado humano. Se se lhe ajunta o pensamento e sentimento religioso, então a sua efficacia cresce mil vezes, visto conter em si alem da belleza da forma na figura do nu e do affecto doloroso da mãe, o mysterio da Encarnação, da Morte e da Resurreição do Salvador. O assumpto era pois altamente artistico, exquisitamente affectuoso e peculiarmente adaptado a um sepulchro christão; mas com todas estas bellas qualidades, a sua explicação era summamente difficil, pelo motivo de terem os artistas de todos os tempos, quér em esculptura quér em pintura, feito quanto podiam para exprimir o sublime grupo. E querendo eu conservar-me alheio a tudo o que os outros tinham feito antes de mim, pensei longamente sobre o difficil thema. Mas por mais voltas que desse á cabeça, as minhas ideias e imagens apresentavam sempre o cunho de algum dos grupos já conhecidos. Como o marquês apertasse comigo, fiz uma maquette, que elle aprovou immediatamente.

Um dia entra me um amigo no *studio* e diz: «oh! que bello modelo da Pietà de Miguel Angelo!». «O que!» disse eu. «Enganei-me, reftrucou, vejo que é outra coisa differente.» Mas a obervação calou-me no espirito. Puz de parte o esboço resolvido a fazer coisa original ou então a renunciar á obra.

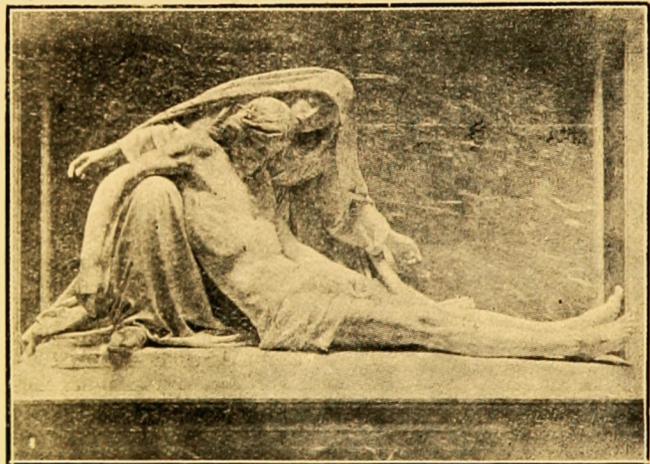
Passaram-se menses; o marquês insistia, nem podia comprehender a minha indecisão. Mas delicado como era, não me fallou mais no grupo, por ver quanto me penalizava.

Só quando me encontrava dizia «Adeus Joãozinho, *Memento mei*». E esse bemdito latim martelava-me mais que um grande sermão. Pensava sempre no grupo, tinha o cerebro cheio delles, mas faltava-me um, era precisamente o meu. Não queria fazer um trabalho de imitação. Paciencia, pois. Os meses iam passando.

Um dia, estando deitado no sofá, á espera do jantar, e lendo um jornal, adormeci (os jornaes sobretudo quando serios fazem-me sempre somno); dormi e sonhei no grupo da Pietà tal qual o fiz depois, porem muito mais bello e expressivo, muito mais nobre. Foi uma visão estupenda, um relampago, um instante, pois acordava immediatamente e via que estava estendido no sofá, com a mão pendente, as pernas rigidas e a cabeça inclinada sobre o peito, como tinha o Christo da visão nos joelhos da Virgem. Levantei-me, corri ao atelier, e encerrei-me n'elle duas horas, modelando em greda o grupo.....

Na verdade é coisa extranha que depois de tantos menses de estudo e reflexão quando menos o esperava, de repente, e a dormir, visse tão clara e precisamente, sem a menor incerteza, a composição do grupo. Muitas vezes tenho pensado neste facto, e querendo explicá lo de qualquer modo, direi que a posição que tomei no somno, terá operado sobre a minha imaginação sobre excitada sempre por aquella ideia fixa.» (*Ricordi*. Cap. XVIII pg. 356-9)

Até aqui o insigne Dupré. Pagina de arte admiravel na sua simplicidade, e que fão claramente expõe a difficuldade da invenção artistica.



A Pietà de Dupré — (Cemiterio de Siena)

AGNUS.

# A Visitação

(VERSOS DE AUGUSTO GIL)

Do livro «Alba Plena» sobre  
a vida de Nossa Senhora

E' chegado o momento de compôr,  
Na minha amada lingua portugueza  
A pagina mais linda e a maior  
Que a Biblia tem e que a Igreja reza.

Se fôra o sol um favo tenro e flavo  
E a sua luz resplandecente fôsse  
O que é, para os alvéolos d'um favo,  
O mel doirado, perfumado e doce...

Se fôra o sol assim e eu o pudesse  
Abranger e suster na minha mão,  
Expremê-lo-hia brandamente e d'esse  
Claro summo, d'essa luz então

Faria a tinta com que escreveria  
No mais alto logar dos altos céos  
As palavras de gloria que Maria  
Em pé sobre a montanha ergueu a Deus.

Como não posso, vou balbuciar-las  
(Que a mais não chega a minha inspiração)  
E quem mais queira ouvir, queira escutal-as  
—Não tenha ouvidos, tenha coração...

Mas antes, muito ao de leve,  
—Pena a fugir no papel—  
Farei um resumo breve

Da visita encantadora  
Que á sua prima Izabel  
Foi fazer Nossa Senhora :

Lá distante, lá em cima,  
Nas montanhas de Judá  
A Virgem tinha uma prima :

E n'uma branca jumenta  
Nossa Senhora foi lá  
A casa d'essa parenta ;

Foi lá a Virgem Maria  
N'uma apressada anciedade  
Dizer-lhe a sua alegria :

Ora essa prima tambem,  
Apezar da longa idade,  
Estava para ser mãe ;

Por divina intercessão  
O seu ventre concebêra,  
Trazia lá São João...

Mal a Virgem se avizinha  
Santa Izabel (que assim era  
O nome d'essa velhinha)

Sentiu milagrosamente  
O filho que em si trazia  
A dar saltos de contente !

E enlevada na surpresa  
De vêr a Virgem Maria  
Desce-a e beija-a e põe-lhe a meza :

E á burrinha em que a Senhora  
Fizera a larga jornada  
Leva-a para a mangedoura ;

E adorna a casa de flores  
E rende á Virgem sagrada  
Sagrados e altos louvores ;

E a seus pés exclama entre  
Lagrimas com que lh'os banha :  
*Bemdicto é o fructo do teu ventre !*

*Benta és tu entre as mulheres !*  
Bem hajas porque á montanha  
Subiste e por me trazeres

A doce felicidade  
De contemplar, ao sol pôr  
Da minha avançada idade

A que é Mãe do meu Senhor !

E a Virgem, Mãe de Deus, ergueu-se então  
E disse este hymno eterno, esta oração :  
A minha alma engrandece,  
Glorifica o Senhor !

E todo o meu espirito estremece  
E crepita e exulta e resplandece  
Em Deus meu Salvador !...

Beijo de orvalho na folhinha de herva,  
Baixou Deus da vertigem do infinito  
Por sobre mim, sua humilhada serva  
A eterna luz do seu olhar bemdicto...

E fiquei para sempre illuminada  
N'esse piedoso e limpido clarão!  
E não de chamar-me bem aventurada  
Sempre ! de geração em geração...

O seu nome é sagrado ;  
E o seu poder que nunca terá fim  
(Por ter em mim poisado)  
Não vistas maravilhas fez em mim !

E aos que o temem e a quem d'elle implora  
Misericordia e protecção clemente,  
Deus encaminha-os—pela vida fóra  
E sempre, eternamente...

Manifestou a força do seu braço :  
E aos vãos, aos de orgulhoso pensamento  
Desfêl-os como a poeira pelo espaço  
No turbilhão do vento...

Derruiu thronos e reis — pô-los de rastros..  
E os humildes ergueu-os para os astros!  
Deixou os ricos sem riqueza e nome  
—E encheu de bens os que sentiam fome !

Com desvelado e carinhoso amor,  
Protegeu Israel, seu servidor,

Marcou-lhe os firmes passos com signaes  
De bençãos e clemencia

Conforme promettêra a nossos paes  
A Abrahão e a toda a sua descendencia...

E eis que será perpetuamente assim  
Nos seculos dos seculos sem fim !...

# Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO

Cinzas



velho convento, outr'ora moradia recolhida de saudade e devoção, converteu-se n'um hotel. A má sorte, afinal, na sua crueldade, foi ainda gentil poupando-lhe a amargura da caserna — destino singular de todas ou quasi todas, as casas de resa d'este malfadado paiz. Aquelles velhos claustros de santa e discreta quietude onde cochicharam psalmos e orações, não ouviram o insulto dos clarins desafiando em ironias agudas, os tambores rufando sarcasmos; aquellas lages passeadas de sandalias humildes, não estremeceram ao tilintar agudo das esporas, ao arrastar metallico das espadas. Só por isso foi feliz, no meio da sua desgraça, aquelle velho e sombrio casarão. Hospedou a devoção e a saudade, abrigou desalentos e amarguras, rebeldias e vocações, e alberga hoje loiras pallidas inglezas, mordidas de anemia e de *spleen*, homens fortes, sensabores, soturnos, cachimbando — a onda monotona e in-caracteristica dos que viajam pastoreados pelas agencias, a extranha maresia do *Cook*, burgueza, irritante, cabolina. É toda uma comunidade anodina, promiscua, de raças e d'instinctos, ociosa e brutal, se installou com as suas exigencias e os seus vicios, no velho casarão.

A mão gananciosa e atrevida do hoteleiro assoalhou aquelle mysterio, sacudiu aquella poeira de lenda, rasgou janellas, encheu de luz — a luz aggressiva e crua das casas burguezas — a penumbra recolhida dos corredores, pôz flôres de mau gosto nos canteiros do pateo, vassourou a *patine* dos tanques e das fontes, escorraçou, com electricidade, as sombras discretas dos claustros. Nas velhas cellas onde a luz amortecia coada pelas gelosias, severas, nas suas paredes caiadas, na singeleza humilde dos seus moveis, entrou a irritante alegria dos papeis inglezes, dos cretones, das pinturas claras, e na mesa velha, já desfigurada em chapadas de *ripollin*, poiso d'outrora d'uma jarra de faiança e d'um missal illuminado, appareceram procellanas e crystaes. Despovou os nichos, encheu os cantos recolhidos, de plantas, apeou os ingenuos lampeões e no refeitório largo e acolhedor n'uma penumbra discreta, fez diabruras de decoração moderna, rasgando frizos d'ouro, polindo cornijas, atulhando o de moveis, d'espelhos, de baixellas, de modernices, de civilização. Se algum dos velhos monges d'aquella casa de meditação, pudesse ressuscitar, ao ver tanto desvario e tanta riqueza, taparia os olhos e fugiria horrorisado ante aquella visão diabolica de fausto.

Mas os monges dormiam na paz das suas consciencias tranquillas, o somno eterno dos justos e só aquellas paredes, aquellas abobadas, corredores, cellas, claustros, testemunhas das durezas da regra e da tranquillidade do esquecimento, viviam para aquelle constante insulto de as forçarem a uma nova vida, a novos luxos, a novas garridices, como um velho rheumatico e doente, a quem a mulher casquilha, impõe arrebiques e modernices de trajar táful. O órgão emmudeceu despeitado; os pianos e os violinos martellaram preversidades de Schumann.

A devastação abrangeu tudo. O hoteleiro atacava o passado n'uma verdadeira vertigem inconoclasta, de demagogo! Foi-se á matta, á larga e recolhida cêrca fradesca e talhou, na espessura brevia dos carvalhos, geometrias horriveis de parque inglez. No horto, nos jardins, arrazou os canteiros arabes, enquadrados em azulejo, ergueu *pelouses*, talhou *courts* de sport, abriu ruas e veredas. Destruiu o mysterio embuçado de sombras dos labirintos, a fresca quietude dos caramancheis, mecheu, arrasou, confundiu.

O turismo approvou. Os faunos e os santos estremeceram de raiva nas fontes e nas cascatas e o viajante passou alheio e taciturno nas veredas ensaibradas e regulares onde o sol, outrora, coando se atravez das ramarias, projectava mosaicos de sombra.

Tudo passou e todos passaram indifferentes a tanto luxo, a tanto romance destruido, só a minha alma, nas fugidias horas, que o acaso lhe fez viver alli, entre as ruinas d'aquellas recordações perdidas, d'aquella vida longinqua, se possuiu da vida d'aquella casa — que todas as casas tem a sua vida propria, o seu intimo sentido — se confrangeu maguada, no mesmo indignado estremecer de revolta, d'aquellas paredes chorando as suas recordações, as suas lendas, os seus encantos perdidos . . .

E com ellas e por ellas, a minha alma estremecia, chorava tambem . . .

# Aspectos da Suíça

## I



meu amigo Joaquim Figueira, distincto alumno da Faculdade de Medicina em Lausanne, conhece esplendidamente a unica republica toleravel na Europa, de St. Moritz a Zürich, de Lucerne a Neuchâtel, de Lugano a Genève — a Suíça franceza, allemã e italiana.

Tem passado temporadas nas estações do inverno e de verão. Correu os lagos e os *glaciers*. Fez ascensões perigosas. Viajou em comboyos vulgares e em comboyos electricos, funiculares e de cremalheira, cabos aéreos... No seu quarto de estudante em Maupas, ao lado dum esquelêto — «a que nunca perguntou de quem era» — tem o sacco de viagem, bengala ferrada, cantil, raquette, okis e balons.

E' assim como eu comprehendo o rapáz do nosso tempo. Viaja para aprendêr.

Todas as semanas, todos os quinze dias, nos ligeiros descansos que lhe ficam dum trabalho extenuante, desde as 7 1/2 da manhã, na *morgue* e na *clinica* do célebre professor Ronx, esse meu velho e sempre querido amigo escreve me postaes com as ultimas novidades do universo: notas picantes de camaradagem escolar, phrases cheias de espirito e de *blague*, perguntas curiosas de quem viveu um anno em Paris e deixou a Patria ha quatro annos. Fallava-me por vêzes da Suíça com um certo desdém. E habituado como estava a admirar esse pôvo, imaginando lhe uma vida patriarchal, o coração purissimo como a alvúra das suas neves eternas, revoltei-me sinceramente contra o que elle um dia me affirmou: «é um pôvo demasiado intriguista, mediôso, aváro, e que tem o descaramento de dizêr que não vive nem do estrangeiro nem do turiste».

Cahi das núvens! A unica nota lamentavel que conservára da Suíça foi o punhal que feriu a desditosa e «sarah bernardêsa» Elisabeth d'Austria, a Rainha Errante...

Tambem confesso: o meu melhor argumento em sua defêsa era um argumento pueril. Invocáva sempre aquella extranha, mórbida e suavissima *Ladainha* de Antonio Nobre...

Cahi das nuvens! E ultimamente, ainda hoje mêsmo, envia-me três recortes de jornaes, que supponho da *Gazette de Lausanne*, e que são outros tantos aspectos curiosissimos.

Com o titulo «*Décidèment!* leiam e pasmem do que poderiamos chamar um estado de «crise moral:»

«*La commission des écoles de Davos s'est émúe du fait que des jeunes filles ayant à peine dépassé l'âge de la scolarité poursuivent de leurs assidutés les internés de la région. La commission donne à entendre qu'au cas où les parents ne mettraient pas un terme à ces inconvenances, l'auctorité se verrait dans l'obligation d'intervenir.*»

E' o mêsmo phenómeno, porventura aggravado, que se nota em todas as estancias do prazêr, na decadente França, na risonha Italia, na puritana (!) Inglaterra.

E vejam agora outro aspecto, igualmente elucidativo, que poderemos denominar, com propriedade «crise económica.»

### LE CHOU À 3 FR. 50!!!

«*Ce matin samedi, au marché de la Riponne, une paysanne a eu le toupet, le «culot» pourrait-ou dire, de demander 3 fr. 50 centimes (trois francs cinquante) pour un simple chou, plutôt rachitique d'ailleurs. Comme la foule, justement exasperée, menaçait de faire à cette marchande sans vergogne le parti qu'elle avait si bien mérité, la police intervint et expulsa la femme du marché. Nous espérons bieu qu'on interdira à cette exploiteuse d'y remettre jamais les pieds.*»

### TOUTES LES CULTURES

«*L'Université dont Lausanne s'honore ne se contente pas de cultiver les intelligences et les âmes, de répandre la saine doctrine. Elle fait mieux encore: elle a transformé en champ de pommes de terre le rond point qui se trouve au nord du Palais de Rumine, et où jusqu'à maintenant poussaient d'inutiles plantes ornementales.*

*Un tel exemple, donné de si haut, ne saurait manquer d'être suivi.*

... Como vão longe os tempos da velha Grecia «*mens sana in corpore sano*»... e do airôz de 15!

MANUEL SEMBLANO

# VIDA DE HONZEM

## Cortezia—Boas maneiras

POR EDUARDO DE NORONHA



A Camara dos Lords, ha poucos dias, o marquez de Lansdowne termina um discurso conceituando: «A delicadeza resolve muitas coisas.»

A ajuizar pelo oratorio epilogo do conhecido fidalgo irlandez, *gentleman* até os globulos me-nos azues do sangue dos Fitzmaurice, a cortezia começa a escassear no Reino Unido como nos outros paizes.

Dá pena!

Entre tantas qualidades boas, perdidas, e que tão intensa saudade cauza ao olhar para traz, uma d'ellas é a cortezia d'outros tempos, determinante das boas maneiras dos nossos avós de honrem.

A arte de agradar, no bom sentido, attinge o apogeu n'essa epoca, a delicadeza requinta em todas as suas manifestações. Rasga-se um barranco profundo entre os usos de antanho, que todos observavam e respeitavam mesmo os rusticos, e o que se pratica hoje, sem protestos, sem arrependimento, sem remorsos, sem contrição, como se se realizasse o acto mais natural e cortez do bom tom.

Ceder o melhor logar ás senhoras e aos velhos na rua, nos carros, nos comboios, defender as creanças, não visitar ninguem de luva na mão direita calçada, não se balouçar na cadeira durante as refeições, não apontar para as iguarias desejadas, não roer os ossos até a medulla, não metter as mãos nos pratos, não lamber os dedos, não cuspir no guardanapo nem limpar a testa a elle, não beber até cahir, não quebrar a louça de proposito e cem outras coisas minuciosamente esmiuçadas e enumeradas nos compendios de civilidade da nossa infancia, de que todos se riam, mas que se evitavam com a maior cautella e escrupulo, pelo exemplo na familia, pelo ensino dos professores, pelo conselho das governantas e até pela advertencia carinhosamente amiga dos creados velhos, não são, e são agora, materia corrente, conforme a completa ausencia de cortezia.

Hoje os compendios de civilidade expurgam a mesma condemnação de exilio dos cathecismos.

\* \* \*

Na existencia de hontem o que se via?

As donas da casa quando os maridos, no desempenho dos deveres do seu cargo se encontravam na cõrte, no regimento, nas colonias, abordo, velavam por tudo e governavam tudo com fervor e senso notaveis. Umás superintendiam na monda e colheita do trigo e nas horas vagas tratavam dos bichos da seda occupação, muito em voga no seculo XVIII, e XIX; outras compravam bois e tomavam contas aos seus cazeiros, trabalhando de sol a sol, do alvorecer ao crepusculo, entrando um pouco pela noite adiante a fazer crochet e meias para o marido e filhos, e gosando uma saude de ferro de que se orgulhavam.

Algumas das nossas fidalgas de extirpe mais illustre compraziam-se no desenvolvimento de uma criação opulenta apresentando gallinhas, patos etc, que provocavam a inveja dos visinhos palacios. Estas erguiam-se ás cinco da manhã, percorrendo todas as dependencias da aristocratica moradia, dando ordens, estimulando os serviaes, vigiando a cosinha. Aquellas tornavam-se mestras na arte culinaria, aperfeiçoavam pitéos e molhos, manufacturavam doces deliciosos e cuidavam particularmente dos numerosos hospedes convidados pelo marido.

N'estas circunstancias, em obediencia á galharda hospitalidade portugueza, effectuavam-se verdadeiros prodigios, realizavam-se milagres no aproveitamento dos recurssos domesticos, dos productos da horta, da caça dos arredores, dos peixes da ribeira proxima, das aves da capoeira.

A mulher era a deusa do lar, sem nenhuma especie de metaphora. Presidia aos abastecimentos, ás construções, aos concertos, ás colheitas, ás compras de terra, aos alugueres discutidos com os vendeiros, á educação dos descendentes, á orientação dos futuros enlances. O marido era militar, dignitario, magistrado, official da marinha, mas a administração caseira pertencia á esposa. Um dia declara-se fogo na vivenda de um fidalgo campesino. Correm a preveni-lo. Responde: «Avisem a senhora, bem sabem que eu não me occupo dos negocios da casa.»

Em compensação o marido insta com numerosos amigos para que sejam seus convivas, apresenta-os de improviso, confiado de que a consorte a tudo dará feito.

Esta recebe-os, empilha-os nas alcovas, distribue-os pelos quartos dos creados, aloja-os até nos celleiros, tudo isso transformado, reformado, revestido de um bragal do melhor linho, mobilado com trastes exóticos, esmaltado de preciosas pratas. E depois da installação realizada não descansa nas servas, observa de perto a marcha do jantar e assiste á maneira como se executa a barrella, como as moças lavam a roupa, como fiam o linho, como se coze e remenda o fato, como as filhas bordam a matiz, no bastidor, a ouro, fazem rendas a preto de Alençon, de Inglaterra, etc.

E' a *senhora mãe*. Nunca o socialismo ha de egualar mais os amos e os serventuarios. Nunca a moderna philantropia, a democratica beneficencia, se hão de exercer mais activa, singella e caritativamente. Nunca a religião da familia ha de ascender a tão elevado culto, Nunca o temor a Deus adquiriu tão incommensuraveis proporções. Nunca ao sacerdocio se lhe deparou terreno mais apropriado para o cumprimento da sua sublime missão.

O respeito mutuo, a cortezia, as boas maneiras, a crença no Omnipotente, a fé na virtude resolveram complexos problemas sociaes, bem melhor que a philosophia tumultuaria do presente e a ausencia quasi completa da delicadeza e boa educação, que a maioria, por friste gala, ostenta.

# Capas para os colleccionadores da "Ilustração Catholica,"

Temo-las já impressas, a 400, e pelo correio a 440 réis

## Monte-Pio do Clero Secular Portuguez Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clerigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguinte documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.  
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clerigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaça.

OS referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 3, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

## FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

*Casa do Cantinho*



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero

## Arte e Religião

Officinas de escriptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

**PORTO**

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, lhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as inform aões

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

**José da Silva França**

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

**BRAGA**

**Fundado em 1896**

DIRECTOR

**Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga**

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial e Instrucção Primaria.

**TEIXEIRA DE ANDRADE**

Professor na Escola Academica

Rua de S. Marcos, 46

Ensina linguas para o Lyceu,

Escola Normal e Commercio.

# Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

## Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos. e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

*Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição e economia.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.<sup>e</sup> Villela & Irmão

**83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91**

(Antiga Rua da Rainha)

**BRAGA**